



Revista
de
Psicologia

A GÊNESE E A ESCOLHA NO AMOR ROMÂNTICO: ALGUNS PRINCÍPIOS REGENTES

THE GENERATION AND THE CHOICE IN
THE ROMANTIC LOVE:
SOME LEADING PRINCIPLES

Thiago de Almeida¹

"O amor não tem idade: está sempre nascendo"
(Pascal)

RESUMO

Carências afetivas, encontros, desencontros e reencontros afetivos, são temas comuns, que povoam pensamentos e permeiam, com dúvidas, a sociedade ao se tratar do amor.

Mas, afinal, quais os componentes do amor, e quais os princípios que norteiam as escolhas que são feitas? Esse artigo, que se trata de uma revisão bibliográfica, tentará desvendar tais dúvidas.

Palavras-chave: amor romântico, seleção de parceiros amorosos, princípios da escolha.

ABSTRACT

Affective lacks, meetings, unfulfills and news meetings, are common subjects, that are int the thinkings and are between, with doubts the society, when it is a question of love. But, after all, what the love components and which the principles that orientate the choises that are made? This article, une bibliographic view, will try to discover that doubts.

Key words: romantic love, mate selection, mate principles.

¹ Bacharel em Psicologia e psicólogo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e mestrando pela Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Psicologia Experimental. E-mail: dr.thiagodealmeida@telefonica.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Ao que parece, o amor, apesar de tanta promoção, ainda não passa de ilustre desconhecido. Dele ignora-se a fonte, os fundamentos, as raízes, a autoria e até o tempo de aparecimento. Por vezes descontextualizado e confundido como parte inerente da evolução sóciohistórica, cogita-se sobre a hipótese de que somos, de fato, seus inventores, ou ainda, se o que se tem é uma tendência a tomar por natural o que é cultural como aponta MacFarlane (1989). Para se amar, basta amar? O amor surpreende as pessoas que não estão predispostas a amar e fazem com que elas invistam em um relacionamento ao qual não tinham previsto?

Segundo alguns autores como Biddulph (2003); Lowndes (2002); Vasconcellos, (1997), para uma pessoa enamorar-se² de outra, deve-se levar em consideração que ela deve estar predisposta e disponível para tal. E isto não se reduz a simplesmente estar atraído(a) por um(a) parceiro(a). Isto quer dizer que a pessoa deve ter uma disponibilidade não só física, mas uma disponibilidade psíquica para ir e vir ao encontro do outro. Ou seja, consoante Shinyashiki e Dumêt (2002, p. 166): “apenas a decisão racional de querer encontrar alguém não é suficiente para possibilitar o encontro.” Ainda os autores referem que, na “realidade, quem não encontra alguém é porque, internamente, não está predisposto a amar. Não está disponível para envolver-se e, erroneamente, pensa que está querendo compartilhar o amor” (Ibidem., 166). E nisto consiste a sua gênese: estar disponível para ir ao encontro do outro.

Assim, de acordo com muitos autores, a capacidade para sentir atração amorosa e a esperança de ser correspondido são imprescindíveis para o sucesso de um relacionamento amoroso. Alberoni, (1986), Aron & Aron, (1996), Branden, (1998), Ingenieros, (1968), Lemos, (1994), Levine, (1988), Shinyashiki e Dumêt, (2002), Silva, (2001), Solomon, (1992) Stendhal, (1999), Wilson & Nias, (1976). Alferes (1996) afirmam que a sexualidade é tida, simultaneamente, como um dos principais elementos da interação humana e, também, um dos principais vetores na estruturação das relações íntimas. Theodore Reik (ci-

tado por Alberoni, 1986) complementa a afirmação anterior, dizendo que quanto mais se está insatisfeito e, ou angustiado consigo mesmo, mais se está vulnerável ao amor. E já que ninguém gosta de sentir-se angustiado, amedrontado ou mesmo inseguro, os outros podem tornar-se poderosos reforçadores pelo fato de reduzirem, com sua presença, tais estados internos. Há evidências na literatura empírica,³ desde a década de 1950, de que quanto maiores as necessidades de uma pessoa, mais ela produzirá fantasias sobre o objeto que poderia satisfazê-las. (SCHACHTER, 1963; TENNOV, 1979). Dessa forma, quem se enamora por outrem sente o desejo de amar e de ser amado.

Mas, para tal, deve haver atração entre as pessoas, seja ela física (o que geralmente ocorre) ou de qualquer outra ordem. A atração amorosa é um dos principais critérios para fazer a triagem dos parceiros, isto é, distinguir aquelas pessoas que apenas nos agradam como colegas e amigos daquelas pessoas que se podem investir sentimentos amorosos. (ALMEIDA, 2003). Concomitantemente, a atração amorosa funciona como uma fonte de energia para as ações amorosas que eclodirão a partir daí.

É fato que os seres humanos, por serem seres sociais, precisam uns dos outros e isto adquire uma maior importância quando o assunto é o amor. Shinyashiki e Dumêt (2002) advogam que o amor é uma condição inerente ao ser humano. Embora tal situação aconteça e os seres humanos precisem uns dos outros, eles são seletivos. Em outras palavras, a escolha de parceiros não é tão aleatória como se pode imaginar. Consequentemente, pode-se dizer que diferentes pessoas unem-se a outras por diferentes motivos (BIDDULPH, 2003). As pessoas não se associam a todos nem a qualquer um. Tal encontro não é caótico e, muitas vezes, guia-se por alguns princípios que se prestam para decidir as qualidades que cada qual quer num parceiro amoroso. E ao se analisar a escolha e os princípios de atração, deve-se acrescentar que, além desses princípios variarem de pessoa para pessoa, variam também na própria pessoa, de acordo com o momento no qual está se vivenciando. (ALMEIDA, 2003).

Lacan, no século XIX, em sua obra clássica: O Seminário (citado por Barthes, 1981, p. 14), já advertia: “Encontro pela vida milhões de corpos;

² A palavra enamorar-se será colocada diversas vezes na presente discussão, referindo-se ao desenvolvimento do amor entre parceiros e que acrescenta ao ser humano a experiência *sui generis* de conquistar e ser conquistado, e é utilizada por diversos autores tais como: Alberoni, (1986), Batten, (1995), Branden, (1998), (1986), Buscaglia, (1992), Carvalho, (2001), Ingenieros, (1968), Shinyashiki; Dumêt, (2002), Simmel, (1993) dentre outros.

³ Rodrigues, A; Assmar, E.M.L; Jablonski, B. (2002, p. 330-369).

desses milhões posso desejar apenas centenas; mas dessas centenas, amo apenas um", no entanto, pensa-se de acordo com os referenciais atuais, em alguns casos mais do que um. E continua dizendo: "O outro pelo qual estou apaixonado designa a especialidade do meu desejo." *Ibidem.*, p. 14).

Mas que esferas cognitivas estão envolvidas, e em que princípios estão baseadas as escolhas amorosas? A princípio, ao escolher, ainda que inconscientemente, um parceiro afetivo, mesmo para aventuras breves, o que se procura é o prazer. Assim, pode-se dizer que o que se pede então ao objeto (da escolha) é que seja essencialmente um fator de satisfação. Caso ele falhe, a relação cessa imediatamente. O que também pode explicar, em parte, o comprometimento dos parceiros numa relação amorosa e suas vicissitudes.

É interessante observar que ninguém que se enamora, mesmo que por pouco tempo, está satisfeito com o que tem e com o que é. E essa é uma das raízes do enamoramento. Surge, portanto, de uma sobrecarga depressiva, ou seja, da impossibilidade de encontrar para si alguma coisa de valor em sua trivial vida cotidiana (ALBERONI, 1986). Às vezes começa, também, com uma profunda desilusão daquilo que já se amou.

Uma consideração essencial a ser feita também é que a escolha de parceiros não é fixa. Embora se perceba de um modo mais evidente na hora das desavenças, ela está sendo refeita todos os dias e constantemente cotejada entre outras possíveis escolhas. (COLASANTI, 1984). Assim, por meio de avaliações formais ou informais, está se fazendo o tempo todo uma ratificação do(s) porquê(s) se está com alguém, e não com outrem, e o que sedimenta tal escolha.

A maioria desses princípios refere-se à admiração, à homogamia, às médias ponderadas das qualidades e dos defeitos e ao princípio dos defeitos graves. O princípio da complementaridade e o da heterogamia também são importantes e influenciam na escolha dos parceiros afetivos, embora se restrinjam a um número menor de casos, tendo uma menor preponderância na seleção de parceiros. Deve-se levar em consideração que se apresentarão alguns princípios de forma didática, e que na dinâmica afetiva eles podem se conjugar concomitantemente, compor a escolha com maiores ou menores contribuições de cada um, ou ainda aparecer em sua forma original, como serão apresentados. Como adverte Vasconcellos (1997), na verdade, o processo de seleção dos parceiros

continua durante todo o relacionamento amoroso. A seguir, serão comentados, ainda que brevemente, estes princípios.

2 O PRINCÍPIO DA HOMOGAMIA OU DA SEMELHANÇA

Consoante muitos estudos, os relacionamentos amorosos, geralmente, têm uma maior chance de dar certo quando os parceiros são semelhantes entre si. Evidentemente, o ser humano é mais propenso a se enamorar por uma pessoa com a qual tem afinidades básicas e diferenças complementares. Lowndes (2002) advoga que isto ocorre em virtude de que a semelhança valida as opções que são feitas por toda a vida. E a literatura parece ser coerente no que se refere à questão das razões da escolha dos parceiros afetivos. Para Branden (1998), a base de um relacionamento está nas semelhanças básicas:

O estímulo de um relacionamento está, de certa forma, nas diferenças complementares. Os dois juntos constituem o contexto no qual nasce o amor romântico. (BRADEN, 1998, p. 111).

Ainda, alguns autores, desde a década de 1970, têm se perguntado se é a semelhança que gera atração ou se é atração que gera semelhança. (RUBIN, 1973). Talvez até exista uma relação mútua de causa e efeito entre semelhança e atração. Assim, pode-se supor que a interação com pessoas semelhantes traz mais reforços positivos para os indivíduos.

Já, quando dois parceiros em potencial vêem as diferenças complementares, eles as vêem como algo motivador, desafiador e excitante, evocando, assim, nos seus respectivos parceiros, lembranças positivas. Assim, se, por um lado, quanto mais se gosta das pessoas, mais se julga que elas são semelhantes entre si, por outro lado, quanto mais elas são semelhantes entre si, mais se gosta delas. Deve-se ressaltar que nem todas as diferenças existentes entre as pessoas são complementares: algumas chegam a ser até antagônicas.

Partir da premissa que "os opostos se atraem", como aventa o senso comum, além de equivocar a uma explicação superficial, é também reducionista. É até possível que pessoas com características bastante discrepantes se atraiam, contudo tal união pode incidir em desavenças e quiproquós, principalmente se essas pessoas tentam

ser íntimas. Dessa forma, as diferenças só podem ser complementares e contribuir para o sucesso de um relacionamento se as características de ambos são valorizadas e desejadas. Um exemplo disto, apontado por Branden, é o de que

[...] não se vê um caso amoroso entre alguém que possua uma elevada auto-estima e uma pessoa de baixa auto-estima, nem entre uma pessoa muito inteligente e outra claramente imbecil." (BRADEN, 1998, p. 111).

Assim, geralmente, escolhe-se para conviver uma pessoa afim, quanto à idade, nível educativo, lugar de residência, atitudes, valores e crenças. Evidentemente, as fronteiras da idade, raça e religião não são impeditivas, nem intransponíveis, e ocorrem uniões que implicam um maior ou menor grau de trocas, mas o habitual é que a escolha seja norteadada pelo princípio da homogeneidade. Esse, talvez, seja o princípio mais importante na seleção de parceiros, já que a dessemelhança freqüentemente cria insegurança e a busca de um nivelamento de características entre parceiros parece ser largamente utilizada por reduzir, consideravelmente, a ansiedade, sobretudo nos primeiros encontros. (RODRIGUES; ASSMAR e JABLONSKI, 2002).

Estudos realizados, como o de Michael⁴ e outros (1995), apontam cada vez mais claramente que os relacionamentos amorosos que perderam e que são iniciados mais facilmente e têm um maior grau de satisfação são contraídos entre parceiros que são semelhantes entre si, num maior número de características.

3 O PRINCÍPIO DA ADMIRAÇÃO

Ao se enamorar de uma pessoa é preciso que se tenha por ela um mínimo de admiração. Para Stendhal (1999), a admiração é um dos requisitos fundamentais para o nascimento do amor.

Indubitavelmente, o princípio da semelhança pode influenciar sobremaneira a escolha dos parceiros amorosos. Mas acontece que o ser humano pode ser atraído por pessoas com características diferentes do que as que ele próprio possui. Aron e Aron (1996), numa tentativa de explicar tal dinâmica pro-

põem a Teoria de Expansão do Eu. Essa teoria sugere que ao nos depararmos com uma pessoa, alvo de nossa admiração, desejamos incorporar tais qualidades ao nosso Eu. Portanto, ama-se a vantagem que se aspira. (ALMEIDA, 2003). Ao que parece, isto talvez se presta a melhorar a própria auto-imagem do parceiro que está selecionando as pessoas para desenvolver seu relacionamento amoroso. E a estratégia de incorporar tais qualidades é se unir, amorosamente, à pessoa que as possui. Assim, as pessoas passam a integrar aquelas qualidades ao seu próprio ser. A teoria de Aron e Aron (1996) também coloca que, para que uma pessoa invista afetivamente em outra, é necessário que ela perceba ser possível a formação de uma unidade amorosa com o desejado parceiro, retomando, novamente, o que já se disse sobre a disponibilidade psíquica.

Por esse princípio, pode-se inferir que pessoas que não conseguem um parceiro ideal para iniciar um relacionamento amoroso frustram-se e, nos casos de essas pessoas vierem a se relacionar amorosamente com outro parceiro menos qualificado, esse relacionamento não estaria fundamentado em alicerces amorosos, mas no conformismo da falta de uma opção melhor. Mesmo assim, isto não torna impeditivo formar relacionamentos e nem dita as vicissitudes do mesmo.

4 O PRINCÍPIO DA HETEROGAMIA

Esse princípio nos diz que um determinado conjunto de diferenças entre os parceiros afetivos contribui para que um relacionamento amoroso efetivamente aconteça entre eles. "Quando duas pessoas se amam, não precisam compartilhar tudo." (MONTREYNAUD, 1994, p. 42). Esse princípio leva em consideração, também, o fato de que a semelhança excessiva pode prejudicar muito uma relação amorosa. Realmente, certas diferenças entre os parceiros amorosos são bem-vindas e enriquecem a relação, esteja ela já consolidada ou não. O mais claro exemplo, fica por conta das diferenças físicas entre homens e mulheres, que são ingredientes fundamentais das belezas características de sexo e gênero.

Não há como falar em heterogamia sem se lembrar do mito do andrógino, mito que discorre sobre a natureza bissexuada do ser humano. Segundo o que conta Platão,⁵ em *O Banquete*.

⁴ Apud Silva, A. A. *O Mapa do amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder*. São Paulo: Gente, 2001.

⁵ O sentido do amor como algo bom, belo e verdadeiro para a sociedade ocidental surge no Ocidente a partir da Grécia Antiga. A maioria dos especialistas – filósofos, historiadores, antropólogos, sociólogos, psicanalistas, literatos, etc. – concorda em ver em *O Banquete* de Platão, a grande fonte do mito amoroso no Ocidente.

Havia numa época mítica três espécies de pessoas: o homem duplo, a mulher dupla e o homem-mulher (leia-se: andrógino). Estes eram seres redondos que se locomoviam rolando, ajudados por suas quatro pernas e quatro braços, e perscrutando tudo e todos com os dois olhos plantados dos lados da cabeça. Aconteceu, porém, que ambiciosos, tentaram alcançar os céus, e Zeus, numa tentativa de punir tamanha ousadia, os partiu ao meio, pedindo em seguida a Apolo que cicatrizasse a ferida.

Contudo, uma vez separadas, as metades sentiam falta uma da outra e passaram a se procurar desesperadamente. Encontrando-se, abraçavam-se se chocando, e assim permaneciam, cheias de saudade e de paixão até sucumbirem. Zeus, então, querendo evitar a extinção total da espécie, colocou-lhes órgãos genitais na frente, a fim de que no abraço pudessem procriar. E através desse mecanismo, a unidade pode ser novamente recuperada.

Outra estória interessante, de origem japonesa e de autoria desconhecida, conta que existiu uma espécie de ave muito especial no Japão que se chamava Hioku. Os antigos guardavam sua estória como uma verdadeira lição de vida para os homens de qualquer época. O Hioku era um pássaro que nascia apenas com uma asa. Assim, desde o instante do seu nascimento, ele buscava encontrar a sua outra metade para unir-se a ela, completando-se para conseguir o seu objetivo de pássaro, ao qual Deus, tinha destinado: voar. E, enquanto ele não encontrasse a sua metade, ele não chegaria a ser efetivamente um pássaro.

Embora seja uma lenda, expressa a necessidade de uma determinada complementaridade para o ser humano, ou seja, um ser só é completo quando é metade de alguém. Não obstante, alguns autores, tais como Almeida (2003), Buscaglia (1992), Costa (1998), Shinyashiki e Dumêt (2002) e Simmel (1993), advogam a tese de que um relacionamento amoroso não é formado por metades, ou frações, mas sim por individualidades, ou seja, "cria um 'nós' sem destruir o 'eu'" (BUSCAGLIA, 1992, p. 164).

Reiterando o princípio da heterogamia, a direção e a intensidade da diferença desejável são bem delimitadas. Como ilustração, vêem-se com mais frequência casais formados por homens mais altos e mais velhos do que a mulher, e não o contrário. É claro que nem todas as diferenças existentes entre as pessoas são complementares, algumas chegam a ser até antagônicas. (BRADEN, 1998). Ainda

nas palavras do autor: "concluir que os 'opostos se atraem', como fazem alguns psicólogos, é uma simplificação superficial. É também correto dizer que 'os opostos se repelem'" (Ibidem, p. 113).

Uma outra evidência em favor do princípio discutido vem do fato de que muitos parceiros, com um grau muito alto de semelhanças entre si, não sentem nenhuma atração amorosa pelo outro. Assim, exceto em alguns casos, pessoas parecidas demais, geralmente, não se casam entre si.

5 O PRINCÍPIO DA COMPLEMENTARIDADE

Segundo Lowndes (2002), as semelhanças quando demais causam um certo desconforto, além de que se precisa de alguém, na hora da escolha, que compense algumas limitações por parte de quem escolhe. Assim, tal princípio afirma que a complementaridade entre determinadas características dos parceiros contribui para que o relacionamento entre eles se inicie mais facilmente e seja mais satisfatório e duradouro. Logo, a dinâmica desse relacionamento consiste em se formar uma equipe, o que otimizaria os recursos de cada componente e aumentaria a eficácia para o casal atingir seus objetivos em comum gratificando mutuamente as necessidades. A teoria da complementaridade encontra o seu mais evidente sustentáculo na escolha de um parceiro do sexo oposto. (WILSON e NIAS, 1976). Por esse princípio, pode-se pensar que um comportamento como um estímulo evoca no outro uma resposta reflexa. (DRYER e HOROWITZ, 1997).

Embora tal princípio seja muito atraente, sua comprovação empírica é diminuta. Uma versão mais recente da teoria da complementaridade, formulada por Robert J. Sternberg, professor da Universidade de Yale e um dos estudiosos do amor mais respeitados da atualidade, está sendo comprovada pelas pesquisas.

De acordo com a teoria sternberguiana das histórias de amor, as experiências afetivas fazem com que as pessoas desenvolvam histórias a respeito do que é o amor, o modo que ele deve nascer, desenvolver-se e quais os papéis complementares que os amantes devem desempenhar nessa história. (STERNBERG, 1996). Em seguida, as pessoas procuram realizar as suas histórias de amor associando-se a um parceiro que desempenhe os papéis complementares aos seus próprios, previstos em suas histórias de

amor. Em outras palavras, geralmente, enamora-se de pessoas que podem desempenhar papéis potencialmente complementares aos nossos.

Um outro conceito introduzido na Psicologia Social, em meados do século passado, por John Thibaut e Harold Kelley (1959) é a Teoria da Troca. Em essência, a Teoria da Troca supõe que o ser humano seja atraído por indivíduos quando as recompensas da relação excedem os custos, isto é, tal incursão teórica sugere a existência de uma espécie de relação custo-benefício nos relacionamentos, o que em sua teoria denominam nível de comparação tal relação custo-benefício. Tais teóricos apontam que um relacionamento amoroso será tanto mais agradável quanto mais acima do nível de comparação seus integrantes estiverem. Em outras palavras, quanto melhores forem os escolhidos em relação aos pesos agregados a diversos atributos, pelas pessoas que os escolhem, maior a probabilidade de esse relacionamento perdurar e de ser satisfatório para ambas as partes. Dentro desse enfoque pode-se dizer que, para Thibaut e Kelley, a atração interpessoal seria resultante da capacidade das pessoas de produzirem resultados favoráveis umas às outras. Quando isto se dá, verifica-se o desenvolvimento da atração e, enquanto os resultados obtidos permanecerem acima dos níveis de comparação de cada membro, essa atração será mantida. A atração diminuirá e a relação poderá romper-se quando seus membros passarem a produzir resultados abaixo de seus respectivos níveis de comparação. A consequência natural é o abandono da relação e a busca de uma alternativa em que os resultados auferidos sejam gratificantes. Isto leva à consideração de que uma gratificação máxima e mínimo custo produziram uma relação altamente satisfatória. Esse modelo teórico permite explicar a gênese, a manutenção e a extinção de uma situação interpessoal de atração através dos resultados obtidos pelos membros em relação e seus respectivos níveis de comparação.

Concernente à proposta anterior, na década de 1970, Ellen Berscheid e Elaine Walster (1973) formulam a Teoria da Equidade muito parecida com a Teoria da Troca. Para esses teóricos, os casais entram e permanecem em um relacionamento romântico apenas quando a ligação é benéfica para ambos. É claro que tal conceito tem algumas severas restrições, principalmente ao se tratar de um assunto tão polêmico como é o amor, mas tal teoria é aplicável ao discorrer que muitos casais equilibram e

contra-equilibram forças e fraquezas, fazendo assim, a manutenção do relacionamento. Assim sendo, se a contribuição de um indivíduo é largamente superior à do outro em muitas esferas, o vínculo pode gerar tensões. Para se resolver tais tensões e conflitos, as duas pessoas geralmente optam por:

- 1) tentar restaurar a igualdade;
- 2) tentar convencer-se de que a relação é realmente justa;
- 3) separar-se.

6 O PRINCÍPIO DAS MÉDIAS PONDERADAS DOS DEFEITOS E DAS QUALIDADES

Esse princípio afirma que as pessoas avaliam previamente o grau de atração dos seus parceiros amorosos, levando em consideração suas qualidades e seus defeitos, bem como a importância de cada um desses. Embora possa parecer frio e pouco romântico avaliar um companheiro(a) em potencial nesses termos, muitas vezes, isso acontece de modo não consciente. (SILVA, 2001; WILSON e NIAS, 1976). Todas as pessoas possuem uma lista de atributos desejáveis e indesejáveis projetados num possível parceiro, podendo agradá-los ou desagradá-los. (SILVA, 2001). Cada um é avaliado segundo a importância que se dá aos atributos, seus respectivos resultados e de acordo com o escore que se atribui a esses itens. Ainda de acordo com Wilson e Nias (1976) tais resultados são somados de modo a se obter um único "valor de elegibilidade" para o candidato(a). Tal processo acontece no inconsciente das pessoas, muitas vezes, quase que instantaneamente.

Por conseguinte, se houver grande disparidade entre os valores médios de atração de duas pessoas, é menos provável que iniciem um relacionamento amoroso e, nos casos nos quais, apesar dessas discrepâncias, os parceiros se casam, é menos provável que esse casamento seja mais satisfatório e dure muito tempo.

Obviamente, o escore de atração de uma pessoa depende dos critérios e perfis de cada avaliador: diferentes avaliadores podem atribuir diferentes pesos a cada uma das características do parceiro que está sendo avaliado. E também, os critérios utilizados para selecionar um parceiro amoroso podem variar de acordo com o estágio no qual está alocado o relacionamento.

7 PRINCÍPIO DOS DEFEITOS GRAVES

Supondo-se qualidades, supõem-se também falhas ao se tratar do ser humano. E para que o parceiro amoroso seja considerado atraente e adequado, além de possuir as qualidades que se deseja, não deve ter defeitos que não sejam tolerados.

Tais defeitos podem incluir: opiniões, pensamentos, características físicas, crenças, convicções discrepantes e totalmente incompatíveis com as crenças de quem está selecionando. Muitos desses defeitos são o inverso das qualidades desejáveis.

É importante destacar que determinados defeitos graves podem diminuir muito as chances de seu possuidor de ser considerado uma pessoa atraente por seus pares. Essa diminuição da atração ocorre mesmo que a outra pessoa tenha qualidades muito valorizadas num parceiro amoroso.

Em relação a esses defeitos, não vigora o princípio das médias ponderadas dos defeitos e das qualidades, isto é, esses defeitos não são compensáveis por outras qualidades ou um conjunto delas. Nas palavras de Branden:

Existem homens e mulheres cujos estilos cognitivos e cujo modo de se relacionar com o tempo, ação e mundo são tão diferentes que entre eles não pode existir nada além de atrito, impaciência, e irritação, principalmente se eles tentam ser íntimos. (1998, p.113):

Enfim, todos esses princípios nos dão uma amostra de possibilidades *versus* dificuldades na escolha do objeto amoroso e apontam para alguns fatores que podem afetar a atração interpessoal. É importante salientar que uma seleção de parceiros bem feita é tão importante quanto o próprio relacionamento, já que isto, *a priori*, economizaria o tempo e os investimentos de ambos os componentes na relação. E à medida que as pessoas possam compreender mais os princípios que elas mesmas elegem para escolher seus parceiros, talvez possam otimizar os recursos que investem em uma relação e até mesmo entender alguns dos comportamentos de seus parceiros, melhorando a qualidade da própria díade. E uma escolha madura pode ocorrer em qualquer idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, F. *Enamoramento e amor*. Tradução de Ary Gonzalez Galvão. Rio de Janeiro: Rocco, (1986).

ALFERES, V. R. Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. *Psicologia social*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, p. 113 -139., 1996

ALMEIDA, T. *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*. 135p. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Psicologia. São Carlos, 2003.

ARON, E. N; ARON, A. *Love and expansion of the self: the state of the model*. *Personal relationships*. New York: Cambridge University Press, v.3. p.45-58, 1996.

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BATTEN, M. *Estratégias sexuais: como as fêmeas escolhem seus parceiros*. Tradução de Raquel Mendes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1995.

BERSCHIED, E; WALSTER, E. H. *Atração interpessoal*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blücher, 1973.

BIDDULPH, S. *Por que escolhi você?* São Paulo: Fundamento, 2003.

BRANDEN, N. *A psicologia do amor: o que é o amor, por que ele nasce, cresce e às vezes morre*. Tradução de Mônica Braga. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

BUSCAGLIA, L. *Nascido para amar: reflexões sobre o amor*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record, 1992.

CARVALHO, M. E. E. Amor renunciado. *INSIGHT: Psicoterapia e Psicanálise*, São Paulo, v. 11. n. 117, falta pgs. maio, 2001.

COLASANTI, M. *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAVIDOFF, L. L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

DRYER, D. C.; HOROWITZ, L. M. When do opposites attract? Interpersonal complementarity versus similarity. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.72, p.592-603, 1997.

FISCHER, H. *Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. Tradução de Magda Lopes e Maria Carbajal. São Paulo: Eureka, 1995.

- HENDRICK, C.; HENDRICK, S. A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 50, p. 511-524, 1987.
- GRAY, J. *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- INGENIEROS, J. *O que é o amor*. Tradução de Wilton A. Noronha. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1968.
- LEMONS, P. *Educação afetiva: porque as pessoas sofrem no amor*. 8 ed. São Paulo: Lemos Editorial, 1994.
- LEVINE, S. B. Intrapsychic and individual aspects of sexual desire. In: S. R. LEIBRUM; R. C. ROSEN (Orgs.). *Sexual desire disorders*. New York: Guilford Press, 1988. p. 21-43.
- LOWNDES, L. *Como fazer qualquer pessoa se apaixonar por você*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MACFARLANE, A. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.
- MONTREYNAUD, F. *O que é amar? respostas simples a perguntas não tão simples*. São Paulo: Scipione, 1994.
- PALÁCIOS, J. O que é a adolescência. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 263 - 272. v. 1.
- PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- RODRIGUES, A; ASSMAR, E. M. L; JABLONSKI, B. Atração interpessoal. In: _____. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 330-369.
- RUBIN, Z. *Liking and loving: an invitation to social psychology*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973.
- SCHACHTER, S. *The psychology of affiliation*. Stanford: Stanford University Press, 1963.
- SHINYASHIKI, R. T; DUMÊT, E. B. *Amar pode dar certo*. São Paulo: Gente, 2002.
- SILVA, M. A. D. *Quem ama não adocece: o papel das emoções na cura e prevenção das doenças*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SILVA, A. A. *O mapa do amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder*. São Paulo: Gente, 2001.
- SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. Tradução de Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SOLOMON, R. C. *O amor: reinventando o romance em nossos dias*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Saraiva, 1992.
- STENDHAL. *Do amor*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- STERNBERG, R.; BARNES, M. L. In: _____. *The psychology of love*. London: Yale University Press, 1988.
- STERNBERG, R. Love stories. In: _____. *Personal relationships*. New York: Cambridge University Press, 1996. v.3.
- SUPLICY, M. *Sexo para adolescentes: amor, homossexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, Aids*. São Paulo: FTD, 1988.
- TENNOV, D. *Love and limerence: the experience of being in love*. New York: Scarborough House, 1979.
- THIBAUT, J. W; KELLEY. H. H. *The social psychology of groups*. New York: Wiley, 1959.
- VASCONCELLOS, L. R. *Simulação de flerte e de amizade: uma análise perceptivo-auditiva de emissões vocais*, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental). São Paulo: Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação, Universidade de São Paulo, 1997. São Paulo, 1997.
- VASCONCELOS, N. *Amor e sexo na adolescência*. São Paulo: Moderna. 1995. (Coleção Polêmica).
- WILSON, G; NIAS, D. *Psicologia da atração sexual*. Tradução de Carvalho, M. A. M. Lisboa: Edições 70, 1976.